



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69
2017

ENCONTRO
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

HABITAÇÃO, CONSTRUÇÃO E “MODOS DE USAR” O ESPAÇO. A ARQUITETURA DE CASTANHEIRO DO VENTO (V.N. FOZ CÔA)

Ana Vale

CITCEM / FLUP / ana.m.vale@gmail.com

Resumo

Este texto tem como principal objetivo pensar a arquitetura em arqueologia. Propõe-se estudar a arquitetura como o gesto criativo que integra a construção e o uso do espaço, e cuja análise está entrançada nas condições de emergência dos edifícios pretéritos. Neste sentido, um conjunto de conceitos e relações serão equacionados como: habitação/construção e uso; as pequenas coisas como fazedoras de espaços, fragmento e tipo e tipologia. Esta análise parte do recinto murado de Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa), datado do III milénio AC, e os exemplos apresentados não são apenas ilustrativos mas são as particularidades que permitiram estas mesmas reflexões.

Palavras-chave: Arquitetura, Uso, Construção, Castanheiro do Vento.

Abstract

This paper aims to think architecture within archeology. Architecture will be understood as the creative gesture that integrates both construction and use of space which study is depended on the emergency conditions of past buildings. In this sense, a set of concepts and relationships will be equated as: dwelling / construction and use; small things as space makers; fragment, and type and typology This analysis is part of the study of the walled enclosure of Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa), dating from the 3rd millennium BC, and the examples presented will not be only illustrative but are the particularities that allowed these same reflections.

Keywords: Architecture, Use, Construction, Castanheiro do Vento.

1. INTRODUÇÃO – ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO

Em 1923, o arquiteto Le Corbusier define arquitetura e construção. A arquitetura, segundo Le Corbusier, é arte. É a perfeição dos traços, a harmonia do edifício. É a ideia e tem um autor. É dependente da apreciação individual. É um bailado de mãos que inscreve no traço o que vai ser construído. É o início, a origem do edifício. Distingue-se da construção, que define como a utilização correta dos materiais; a construção é o engenho, a técnica, o saber fazer. É a habilidade do gesto, o manusear dos materiais (de construção) com o objetivo de cumprir um projeto. É a elaboração de um edifício previamente desenhado. Pela construção, a “ideia” – desenhada em plantas e alçados – é concretizada. Enquanto habilidade que se pratica, é uma aprendizagem pela prática. É corpóreo. O corpo aprende como fazer pela repetição do gesto. A construção é a capacidade de erguer, de criar em matéria a ideia concebida pelo arquiteto. A construção pressupõe o êxito, ou seja, a execução com sucesso de um projeto (Le Corbusier, 2009 [1923]:125). A ocupação do espaço ocorre depois. É precedida pela construção e pelo desenho. Três ações distintas, performatizadas por agentes distintos: o(s) arquiteto(s), o(s) construtor(es) e o(s) ocupante(s).

Esta perspectiva, dita por Le Corbusier, está presente em Arqueologia e enquadra o estudo dos edifícios do passado segundo o faseamento enunciado: planeamento, construção e ocupação. Nesta linha, o conjunto construído é entendido como um dispositivo passivo de poucas alterações na medida em que se trata da materialização de uma ideia inicial na qual já se encontra definida a finalidade ou a função do espaço construído. Esta premissa permite a comparação de plantas arqueológicas, referentes a edifícios pretéritos, manuseadas muitas vezes como plantas arquitetónicas, ou seja, como desenhos dos edifícios por vir. Segundo esta abordagem, o estudo da chamada “cultura material” indica apenas a funcionalidade ou o significado mais ou menos simbólico de determinado espaço. As pequenas coisas, a

“cultura material”, não integram o estudo da organização do espaço. Não “fazem” espaço.

T. Ingold (2000) apelidou esta perspectiva de “*building perspective*” (muito presente também em disciplinas como a Antropologia ou a História). Segundo esta abordagem a construção é uma atividade mecânica, corporal e neste sentido pode ser levada a cabo por outros animais que também constroem os seus dispositivos (como os castores). A construção distingue-se da arquitetura, a qual se assume como o exercício de pensar a própria construção, o que a torna uma capacidade exclusiva do ser humano. As narrativas evolucionistas assentam nesta perspectiva, ou seja, pressupõem a distinção entre planeamento e execução técnica, desde o homem nómada, construtor de estruturas temporárias e perecíveis até o ser humano do nosso tempo, sedentário, agricultor, arquiteto dos seus espaços – do pequeno aldeamento à metrópole.

No entanto, segundo T. Ingold, outra perspectiva traduz de forma mais íntima a relação do ser humano e do (no) mundo, a “*dwelling perspective*” (ibid.). Esta abordagem percebe o ser humano como habitante do mundo e porque habita constrói, ou seja, é nas práticas de habitar que constrói e é através da construção e no construído que habita, continuando, reformulando, reconstruindo as formas de estar no mundo. Neste sentido, o mundo, o(s) território(s) habitados, não são espaços inertes que o ser humano dota de sentido através da construção, mas porque está imerso no mundo, é nas práticas diárias que vai *cuidando* e construindo territórios. Nesta linha, a arquitetura e a construção existem interligadas, por vezes (muitas vezes) impossíveis de distinguir, e o fazer está agarrado às práticas de habitar. O *design* emerge na prática de construir e entender o mundo (Ingold, 2013).

L. McFadyen escreveu que “a arquitetura arqueológica é construída através da compreensão da ocupação e dos objetos ou das coisas que estão envolvidos nas práticas de ocupação¹” (no prelo,

¹ “[A]rchaeological architecture is constructed through an understanding of occupation, and the objects or things that are involved in practices of occupation.” (McFadyen, no prelo)

tradução nossa). Tal como T. Ingold, a autora defende que a arquitetura, enquanto prática criativa, acontece durante as práticas de habitação (ou de ocupação) e envolve um conjunto de ações e de coisas que não são normalmente entendidas no estudo da arquitetura em arqueologia. Neste sentido, a construção deve ser entendida como uma prática constante inerente às práticas de habitar, o que implica questionar o tradicional faseamento arqueológico – fases de construção e fases de ocupação – como compartimentações de arquivo que fixam a fluidez da arquitetura, e se baseiam nos fundamentos teóricos da arquitetura moderna (ver Le Corbusier, 2009).

Em 1974, o escritor francês Georges Perec pergunta: “Quando, num determinado quarto, se muda a posição da cama, poderá dizer-se que se mudou de quarto?”² (1997 [1974]: 24 *tradução nossa*). E acrescenta que esta questão requiere (ou é) uma análise topológica; mais tarde regressaremos a esta ideia. Mas seguindo a pergunta de Perec, poderá a alteração das “coisas” num dado espaço alterar esse mesmo espaço? Poderá o espaço ser construído pela disposição de “pequenas coisas”? Poderão as “coisas” ser consideradas elementos construtivos do espaço tal como as paredes? E poderão as paredes ser parte do processo de uso? Poderá a construção decorrer durante a habitação/uso do espaço? Perec apelida esta questão de “problema menor” no estudo do quarto, mas este problema menor exige uma atenção ao detalhe e pode questionar outros problemas, denunciando outras relações e abrindo a possibilidade a um estudo que articule diversas escalas de análise.

2. A ARQUITETURA DE CASTANHEIRO DO VENTO³: CONSTRUÇÃO E MODOS DE USAR O ESPAÇO

Na planta de Castanheiro do Vento o espaço é construído pelo desenho (fig.1). O desenho dá forma e informa acerca do espaço arqueológico. O sítio define-se em planta por três linhas de muro, intercedidas por bastiões e entradas, e por estruturas circulares, de vários diâmetros. Esta planta é o resultado da seleção e montagem de outros desenhos feitos a outras escalas. Mas traduzirá este desenho arqueológico o *design* do sítio?

Castanheiro do Vento tem sido interpretado como “colina monumentalizada” ao longo do III milénio AC (e.g. Cardoso, 2007; Jorge et al. 2006 & Vale, 2011), ou seja, a planta que se apresenta faz parte de um complexo que envolveria toda a colina (fig. 2), e terá resultado da prática contínua de feitura (de habitação) da colina e da paisagem. Por outro lado, o “sítio” não terá sido resultado de um projeto original mas o traçado final representará sucessivas adições de módulos, de segmentos de muro e bastiões e de estruturas circulares (Cardoso, 2007)⁴ (fig. 3). A ausência de um plano prévio em Castanheiro do Vento ficou sublinhada em V. O. Jorge (2006) em articulação com o trabalho desenvolvido em Castelo Velho de Freixo de Numão, por S. Soares Lopes (e.g. Jorge, S. O., 2005). A construção sucessiva e constante parece não se adequar à ideia de projeto inicial e dá lugar à *design* enquanto prática criativa que emerge pela construção (Vale, 2017).

A arquitetura em Castanheiro do Vento tem sido escrita por V. O. Jorge como movimento, como

³ Neste ponto não iremos descrever ou caracterizar o sítio arqueológico de Castanheiro do Vento, o qual se encontra extensamente publicado (e.g. Cardoso, 2007; Jorge et al, 2002 & 2006; Vale, 2011). As escavações decorrem deste 1998 e neste momento a equipa de coordenação do projeto integra João Muralha Cardoso, Sérgio Gomes, Vítor Oliveira Jorge e a signatária deste texto. Sobre a história das investigações em Castanheiro do Vento, veja-se Cardoso, 2012.

⁴ A construção por segmentos parece estar presente em outros recintos murados (e.g. P. Díaz-del-Río, 2008) e também nos recintos de fossos (Valera, 2013).

² “When, in a given bedroom, you change the position of the bed, can you say you are changing rooms, or else what? (cf. topological analysis)” (Perec, 1997 [1974]:24)

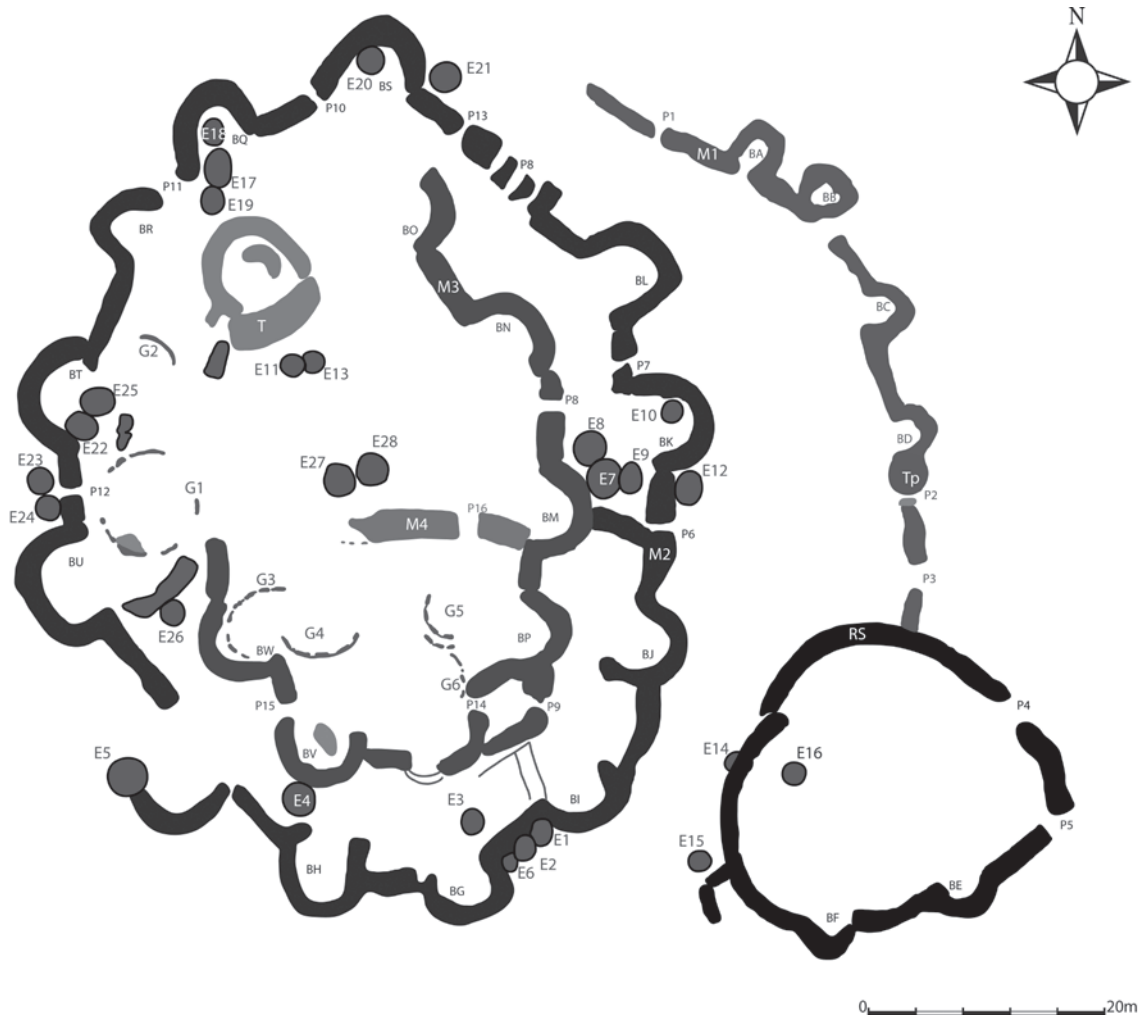


Figura 1 – Croquis de Castanheiro do Vento feito a partir das linhas definidoras das estruturas. Nesta planta encontram-se desenhadas as principais unidades construídas identificadas até 2016 – muros delimitadores (M1, M2, M3 e M4 o qual não se encontra contemplado na análise em texto por ainda se encontrar em fase de estudo e dependente de escavações futuras), bastiões (B), num total de 23 unidades, e passagens (P), num total de 16 entradas (ainda que não seja possível determinar a contemporaneidade destas aberturas), estruturas circulares (E) e grandes estruturas circulares (G) definidas sobretudo por um diâmetro superior a 8m. A estrutura identificada com a letra T tem sido apelidada de Torre Principal e resulta da reformulação do bastião X aparentemente numa fase posterior.



Figura 2 – Colina de Castanheiro do Vento (vista de norte), fotografia de João Muralha Cardoso, 2006. Altitude máxima de 730m. Castanheiro do Vento tem sido interpretado como colina monumentalizada. Neste sentido, as estruturas arqueológicas agora em estudo integrariam o espaço de toda a colina, estendendo-se pelas encostas, independentemente da existência de estruturas construídas. A monumentalidade da colina, visualmente significativa do território envolvente, foi continuada, acentuada e transformada pela construção das estruturas em análise. Este processo de monumentalização terá sido de longa duração, iniciado na região no início do III milénio AC com a construção de recintos murados.



Figura 3 – Intersecção do Bastião L e segmento de murete (M2), campanha de 2018. O sítio de Castanheiro do Vento é construído por segmentos ou módulos (que podem corresponder a bastiões, segmentos de muro ou a bastiões e segmentos de muro) feitos de forma aditiva. Nesta fotografia é possível ver parte da estrutura circular número 31, canto inferior direito, e parte da estrutura GEC7 no canto inferior esquerdo. A elaboração destas estruturas e dos muros pétreos faz-se de forma aditiva.

rede de relações, de transplantes de matéria, como um labirinto de caminhos, de citações de coisas e de significados; a arquitetura é reunião e contradição (e.g. Jorge, V.O., 2006 e 2009 e já estudado por nós em Vale & McFadyen, 2012). J. M. Cardoso (2007 & 2017) abriu o conceito de arquitetura à paisagem, integrando a rede de possíveis caminhos, ligações, linhas, visibilidades, entre sítios arqueológicos e tantos outros lugares que preenchem o espaço envolvente⁵. Em 2011, referimo-nos a Castanheiro do Vento como uma arquitetura labiríntica e de imersão, de construção contínua. Atendemos à incorporação de uma grande variedade de coisas nos dispositivos construídos, na sua maioria fragmentadas e falamos do sítio enquanto “casa”, onde diversos grupos se reconheceram e fizeram seu este espaço (Vale, 2011).

A planta de Castanheiro do Vento, que apresenta o sítio, permite a comparação com outros sítios semelhantes pelo reconhecimento da forma e a sua inserção no tipo recinto murado (Vale, 2017). Contudo, oculta a colina “monumentalizada”, ilude a construção modular, segmentada. Não deixa ver também o pormenor, o detalhe da arquitetura. Nos próximos parágrafos tentarei apresentar alguns exemplos paradigmáticos de Castanheiro do Vento, ainda que de forma resumida (com todos os problemas que a síntese comporta), com o objetivo de pensar o design, entendido como a construção criativa que emerge nas práticas de habitação, nos distintos modos de usar o espaço em Castanheiro do Vento, atendendo a diversas escalas de análise e prestando atenção ao detalhe das “pequenas coisas”. Estes exemplos apresentam-se enquanto singularidades, enquanto nódulos de relações, que sem pretenderem a explicação promovem ou potenciam outras relações para a compreensão de Castanheiro do Vento.

⁵ “Mudou a forma de olhar a arquitectura e relacioná-la com a paisagem. Se alterarmos a forma de olhar a arquitectura – deixar de olhá-la apenas como um objecto de análise – e passarmos a olhá-la como prática/acção, teremos de pensar em formas diferentes de habitar/estar na paisagem”. (Cardoso, 2017:67)

2.1. O papel das “pequenas coisas” na feitura do espaço

O(s) recinto(s) de Castanheiro do Vento são definidos por muros de base pétreo, elaborados sobretudo com lajes de xisto. Estes três dispositivos evidenciam uma regularidade no traçado representada pela planta do sítio. A arquitetura desenha-se na tradição, no respeito pelas unidades anteriores mas também emerge da criação, da construção de novos segmentos. Segundo Cardoso (2007) os muros pétreos apresentam pequenas diferenças ao nível de execução técnica e da relação dos materiais utilizados que devem ser sublinhadas. Por exemplo, enquanto que no Murete 1 (M1) se regista quase exclusivamente o uso xisto na elaboração da base, no Murete 2 (M2) e Murete 3 (M3) foram incorporados elementos em granito e nódulos de quartzo na construção, sobretudo no M2 onde em alguns troços as inúmeras peças de quartzo branco são visualmente impressionantes. Tendo em consideração que estes muros pétreos terão tido uma superestrutura em terra crua e as faces dos embasamentos pétreos teriam sido revestidas a argila, este aspeto seria invisível após a construção. A utilização de xisto/quartzo/granito em diferentes relações parece conferir identidades particulares aos muros. Este aspeto é acentuado pela largura destas unidades. O M1 tem uma largura média de 1,26 m mostrando “um gesto técnico recorrente” (Cardoso, 2007:122). O M2 tem uma largura média de 1,62 e o M3 de 1,74 (Ibid:132-142). Apesar de cada unidade revelar uniformidade construtiva ao longo do seu traçado fica patente a diferença de espessura entre dispositivos o que implica distintos *gestos técnicos* (Ibid.).

As três linhas de muro são intercetadas por bastiões, no entanto, apenas nas unidades integradas no M1 e Recinto Anexo foram identificados níveis de oclusão. A determinada altura estas estruturas foram colmatadas intencionalmente, ao nível da base pétreo, com lajes de xisto. Este momento de fecho não se encontra ainda devidamente datado nem foi ainda possível compreender se por essa altura os outros bastiões estariam “ativos”. As diferenças entre muros são reforçadas pelo estudo faunístico



Figura 4 – Bastião D e estrutura central de moinhos manuais fragmentados, campanha de 2003. O bastião D integra o M1 e no seu espaço interno encontra-se elaborada uma pequena estrutura circular definida por elementos em granito que terão sido utilizados anteriormente como moinhos manuais. Não foram registados materiais arqueológicos no seu interior. O depósito era constituído por sedimentos de matriz argilosa de cor castanha amarelada clara.

(Costa, 2007 & 2011): a variedade de espécies e tamanho dos fragmentos ósseos parecem diferir entre as estruturas integradas nos vários muretes, e ainda que estas observações estejam dependentes de trabalhos futuros, refira-se, a título de exemplo, a ausência da espécie *Equus caballus/Equus sp.* nas unidades tipo bastião do M1 (Costa, 2007:105).

Mas poderão os muretes ser encarados como unidades? O estudo comparativo dos quatro bastiões integrados no M1 mostrou que apesar das semelhanças formais e da *monotonia da "cultura material"*, os usos terão sido distintos e que as construções, que poderiam ter seguido um programa, foram sofrendo *imprevistos* (Vale, 2011). Assim, verificou-se que:

- o bastião A tem uma entrada definida que indica uma passagem estreita ao interior do dispositivo; o bastião B, apesar de não ser uma unidade de vão aberto tem uma configuração única devido a reestruturções profundas do seu traçado

ainda durante o III milénio AC; os bastiões C e D são de vão aberto tal como os outros bastiões identificados no sítio, nos quais a profundidade é inferior ao vão de entrada (Cardoso, 2007:192);

- os bastiões A e C integram duas estruturas que incorporam peças em granito (moventes fragmentados) dispostos de forma oblíqua, criando pequenos espaços dentro dos bastiões (no Bastião A encontra-se encostada à parede oeste e no Bastião C, no espaço central, como é visível na fig. 4); as outras duas unidades apresentam espaços aparentemente abertos;
- a componente artefactual é bastante homogénea nas quatro unidades e a decoração cerâmica é maioritariamente conseguida por impressão penteada, contudo a decoração com pastilhas apenas se regista no bastião A e a decoração incisa está presente apenas no bastião C.

Estas unidades poderão ter sofrido alterações constantes, limpezas (como avançou Cardoso (2007) particularmente para o bastião A) e rearranjos, mas a sua configuração indica acessos diferenciados e a organização do espaço interno indicia movimentos/ usos distintos. Pensamos que diferentes usos estão implicados em espaços formalmente semelhantes. A regularidade construtiva só é apreendida a uma escala de análise ampla que abarca todo o sítio. Os três muretes, quando comparados, revelam coerência no traçado individual e indicam semelhanças entre as unidades, mas descendo a escala de análise, a comparação de estruturas articuladas com um dos muros (M1) revela uma grande diversidade de construção e uso. A escala do detalhe da construção e uso – da arquitetura – mostra pequenas diferenças que poderão apontar para diferentes ritmos

de construção e diferentes usos, ou seja, diferentes formas de habitar/ocupar o sítio.

O carácter aditivo das construções em Castanheiro do Vento não tem permitido o estabelecimento de outras relações estratigráficas. As datações absolutas disponíveis apontam para o início da construção na primeira metade do III milénio AC e durante a segunda metade deste milénio a construção e uso do sítio terá continuado a ser intensa. Considerando a construção aditiva do sítio, é possível que as diferenças arquitectónicas nos indiquem leituras temporais? Atendendo à regularidade do traçado (as três linhas têm genericamente a mesma configuração e respeitam o desenho de cada uma) terão as três linhas de muro sido construídas em curto espaço de tempo? Ou as diferenças patentes nos três muros indicam a construção espaçada no tempo? Atendendo que os



Figura 5 – Estrutura circular 8, campanha de 2018. Esta estrutura encontra-se localizada entre os muros 2 e 3 e é definida por um conjunto de lajes de xisto e elementos em granito dispostos em cutelo. A escavação do interior desta unidade revelou um depósito homogéneo caracterizado por sedimentos de matriz argilosa de cor castanho amarelado claro, com cascalho de xisto e inclusões de lajes de xisto de tamanho pequeno e médio. Os materiais ainda se encontram em fase de estudo, no entanto, apenas se registaram alguns fragmentos cerâmicos.

muretes foram construídos por segmentos, poderão diferentes gerações ou mesmo grupos ter participado na construção de um muro? Terá a construção de um muro demorado no tempo e a construção ter sido cíclica e sazonal? Em termos cronológicos, as datações absolutas apontam para a contemporaneidade destas estruturas (ver Cardoso, 2007).

A inserção de pequenas coisas nas bases dos muros pétreos, assim como a presença de pequenas coisas no interior de estruturas, permite pensar a espessura temporal da construção, dar ritmo à prática construtiva durante o uso do sítio e do território. Em Castanheiro do Vento é recorrente a utilização de moinhos manuais em granito, maioritariamente fraturados em estruturas circulares, delineando totalmente a estrutura ou em relação com lajes de xisto. Como já foi referido encontram-se no espaço interno dos bastiões A e C mas também no interior dos bastiões J e F, integram as Estruturas Circulares 5, 7, 8 (fig. 5) e 21, e formam totalmente duas estruturas no recinto principal, uma das quais delimitada por oito elementos de dormentes, inteiros ou fragmentados com a superfície (outrota) ativa voltada para o interior da estrutura. Esta estrutura encontrava-se colmatada por um conjunto de pequenas lajes de xisto e uma laje de xisto azul, afeiçãoada. Após a remoção destes elementos pétreos foram detectadas duas concentrações de fragmentos cerâmicos (fig. 6). Os fragmentos cerâmicos recolhidos nas duas concentrações detectadas representam entre metade e 1/3 do vaso. As arestas não se encontram erodidas. Encontram-se em relação com outros fragmentos cerâmicos. Alguns podem ser do mesmo recipiente mas não colam entre si.

Estes elementos em granito foram *usados* em outros contextos previamente à sua inserção no depósito final e enquanto moinhos manuais fizeram parte de outros espaços onde fizeram espaço e terão estado em relação com usos específicos de transformação de elementos vegetais (possivelmente integrados em contextos de consumo de alimentos). Ao serem integrados nestas estruturas poderiam continuar a carregar as suas histórias anteriores mas ao serem arranjados em relação com outras “coisas”,

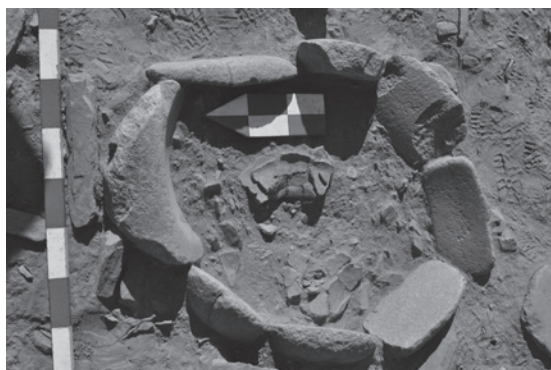


Figura 6 – Estrutura de moinhos manuais, campanha de 2010. Pequena estrutura definida por elementos em granito, localizada no recinto central de Castanheiro do Vento. A estrutura define-se também por dois grandes fragmentos de dois vasos distintos depositados intencionalmente no interior da estrutura. Os fragmentos cerâmicos estão em relação com os moinhos manuais fragmentados e todos estes elementos são fazedores de espaço.

outros significados, funções e histórias terão sido criados. Estes moinhos manuais ligam Castanheiro do Vento às tarefas diárias das comunidades que o construíram, e a um território e uma paisagem que inclui os maciços graníticos localizados a alguns quilómetros de distância, ao coberto vegetal (domesticado ou não) e a espaços de preparação/trans formação de alimentos ou de outras matérias (primas). O uso de moinhos manuais na construção implica a integração de outras vivências e outros espaços que se entrançam neste. Indicam que a construção se faz nas práticas de habitação.

2.2. O fragmento

Os moinhos manuais usados na construção encontram-se fragmentados. Mas outros fragmentos fazem parte do espaço construído. Fragmentos de recipientes em cerâmica foram incorporados no dispositivo construído, como cunhas (Cardoso, 2007: 248/249 & 2014: 14) e terão sido integrados, como elementos não plásticos, nas paredes em terra crua, hoje registados em depósitos de matriz argilosa, muito compactos, que poderão ser resultado da ruína das paredes em terra crua (Vale, 2003). Também foram registados fragmentos de coisas depositados em locais específicos, criando novos espaços ou fechando passagens, como é o caso da já mencionada pequena estrutura



Figura 7 – Grande Estrutura Circular 1, campanha de 2010. O espaço interno desta estrutura circular de 8 metros de diâmetro era preenchido por um conjunto de estruturas: um lajeado, uma estrutura em negativo (de pouca profundidade) definida no espaço central, diversos buracos de poste e uma deposição de “coisas” delimitada por quatro lajes de xisto, em primeiro plano na fotografia.

de moinhos manuais ou a deposição de fragmentos cerâmicos, um fragmento de chifre de bovínico, espinhas de *Alosa sp.* e quatro lajes de xisto dispostas no interior de uma grande estrutura circular, com 8 m de diâmetro (fig. 7), a qual já tivemos oportunidade de discutir noutros espaços (Vale, 2011).

Os fragmentos, resultado da quebra intencional ou não, de vasos cerâmicos e outras unidades, foram usados, descartados ou reutilizados, e encontram-se incorporados ou depositados, de forma estruturada ou não, em espaços construídos por estas mesmas coisas. Castanheiro do Vento é feito também por fragmentos, por coisas fragmentadas. Como abordar o fragmento cerâmico? Pensar o fragmento cerâmico envolve pensar o recipiente cerâmico e nesse sentido continua a ser uma das tarefas primordiais da arqueologia a construção de quadros tipológicos e o estudo de técnicas de produção.

A criação de quadros tipológicos é um trabalho de compreensão da feitura das coisas, dos processos de mudança, ou seja, da relação entre forma e tempo (Sørensen, 2015) e não apenas um exercício

de classificação. A tipologia pode, segundo Sørensen (Ibid.), fazer parte de exercícios de compreensão dos processos criativos de manufatura e das múltiplas biografias das coisas e dos sítios. Deve envolver a análise da moldagem de recipientes cerâmicos, das técnicas de fabrico, do saber fazer e o estudo de outras relações, com o barreiro e com as mãos do oleiro. Em Castanheiro do Vento predominam os recipientes de tendência esférica, e a cerâmica é preferencialmente decorada com a técnica de impressão penteada (nas variantes curvilínea e retilínea). A organização decorativa é maioritariamente dada por uma banda decorada ou em sequências de bandas decoradas intercaladas por espaços vazios de forma paralela ao bordo (Vale, 2003 e 2011). A classificação tipológica permite a comparação e relação com o sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão, com o qual Castanheiro do Vento partilha a mesma tipologia cerâmica (Baptista, 2003 e Oliveira, 2003), permite diferenciá-lo dos recintos murados da Estremadura ou do Sul de Portugal e contribui para pensar a construção de identidades coletivas que se

processam por identificação a diferentes materiais/ formas e a diferentes iconografias.

No entanto, o estudo da forma está muitas vezes ligado à definição da função, o que torna necessário desvincular a função da forma à escala do recipiente cerâmico. As tipologias de formas e de decoração devem nascer de cada coleção particular e ao emergir de um conjunto singular podem então ser colocadas em relação com outros quadros tipológicos, de outras estações arqueológicas e participar no estudo comparativo. O reconhecimento de formas cerâmicas recorrentes no registo arqueológico pode e deve ser relacionado com os “tipos” decorrentes de outras construções tipológicas assentes em materiais ou formas diferentes, como os tipos de unidades construídas elaboradas por Cardoso (2007) ou tipo de sítios, como *recinto murado*. Estas formas de fazer que se prolongam associam-se a tradições de práticas que ao repetirem o que foi feito criam novas coisas e novos espaços. A construção da tipologia não pode assentar na fixidez da forma mas deve estudar os processos de formação das coisas, aqui dos recipientes cerâmicos.

Pensar o recipiente cerâmico implica também pensar a sua disposição no espaço, enquanto fazedor de espaço. Ou seja, a colocação de recipientes cerâmicos em diferentes locais e considerando o grau de mobilidade desses mesmos recipientes (tratando-se de pequenos ou grandes vasos) terá condicionado o espaço tal como as paredes e pavimentos, e traz a possibilidade de construção permanente do espaço por diferentes habitantes (que podiam ou não estar envolvidos no processo construtivo das paredes). As pequenas coisas desenham espaços, condicionam, dizem por onde andar e como fazer. Os muros não antecedem os recipientes cerâmicos ou artefactos líticos. Não se construíram os primeiros como contentores ou como cenários para que os segundos pudessem ser produzidos (McFadyen, 2016).

O espaço é construído por coisas inteiras, recipientes cerâmicos, colocados em determinados espaços, movidos, reutilizados e rearranjados em relação com outras coisas. E alguns, muitos, partiram-se.

Castanheiro do Vento constrói-se também com fragmentos, com coisas fragmentadas. As peças em granito, utilizadas previamente como moinhos manuais, foram organizados e colocados em correspondência com coisas distintas; os fragmentos cerâmicos foram usados/posicionados de diferentes formas. Todos estes elementos, a sua associação, as distintas correspondências, fazem arquitetura. Regressando à questão de Perec, a mudança da cama muda o quarto, assim como a construção de uma estrutura muda o recinto, a colocação de um vaso em determinado espaço ou a deposição de um fragmento cerâmico numa estrutura altera, a uma escala reduzida, os significados, os movimentos, as histórias, porque as correspondências se alteram.

O carácter fragmentado das coisas em Castanheiro do Vento exige um olhar atento ao fragmento. Fragmento a fragmento. O estado de conservação (preservado ou erodido) e a disposição (concentração ou dispersão de fragmentos e inclinação dos fragmentos) permitem estudar processos de formação dos depósitos e a influência de processos pós-deposicionais e permitem sobretudo estudar as histórias do fragmento desde a fratura do vaso à sua inserção no depósito final (e.g. McFadyen, 2016). A presença de fragmentos com diferentes estados de conservação em diferentes contextos pode permitir falar de diferentes histórias de acumulação e deposição de fragmentos: uns expostos por longos períodos, outros imediatamente depositados após fratura. No estudo dos fragmentos cerâmicos da grande estrutura circular (GEC1), destaca-se a percentagem elevada de fragmentos cerâmicos erodidos (cerca de 50%) integrados num possível lajeado que terão sido utilizados como materiais de construção, e a presença de fragmentos preservados arrançados com outras coisas numa deposição intencional, referida anteriormente, e que terão sido incorporados neste contexto pouco tempo após a quebra do recipiente cerâmico (Vale, 2011).

O fragmento ou os fragmentos requerem contexto. É a articulação do fragmento com outras coisas que permite que o estudo se foque no fragmento. Em Castanheiro do Vento os fragmentos cerâmicos

encontram-se em relação com diferentes coisas, materiais e estruturas. As associações registadas, reconhecidas, têm sido trabalhadas em Castanheiro do Vento atendendo a diversas relações: entre coisas, entre os tempos e os espaços das diversas coisas. Sem hierarquias (a partir de Jorge, 1998), o fragmento cerâmico e as outras coisas e fragmentos participam de igual forma na construção do discurso. Em Castanheiro do Vento, as peças que delimitavam estes contextos, entendidos normalmente como contentores ou estruturas que albergam a deposição, são também parte da deposição (Vale, 2019). A arquitetura é deposição e as peças depositadas são elementos construtivos, na medida em que organizam o espaço, fazem espaço, alteram o espaço, arquitetam espaços.

3. CONCLUSÃO – ARQUITETURA E HABITAÇÃO A PARTIR DE CASTANHEIRO DO VENTO

A partir da análise contextual dos materiais, das pequenas coisas, Castanheiro do Vento parece denunciar um espaço habitado, mas não indica atividades específicas repetidas ao longo dos anos. Diferentes coisas foram colocadas em correspondência, promovendo histórias distintas e diferentes abordagens ao próprio espaço. Fragmentos inseridos na construção de muros, de pavimentos, fragmentos integrados em deposições intencionais, em relação com outros materiais, matérias-primas, entre fragmentos e peças inteiras. Partindo da pergunta de G. Perec: “Quando, num determinado quarto, se muda a posição da cama, poderá dizer-se que se mudou de quarto?”, admitimos que pelo arranjo dos espaços se constrói o espaço. Ao dispor e usar um conjunto de coisas durante o processo de habitação não se ocupa simplesmente um espaço que foi construído e projetado mas pelo uso constrói-se, desenha-se, arquiteta-se espaços de todos os dias, colocando em correspondência diferentes materiais, diferentes coisas, que condicionam movimentos e a experiência visual. Mudar a cama transforma o espaço, cria novos espaços, novos movimentos,

diferentes relações entre coisas e entre seres humanos e coisas, diferentes experiências. O projeto de um edifício, as suas divisórias, os seus espaços abertos e fechados, as suas aberturas para o exterior, a luz que deixa entrar ou que tenta ocultar, pode implicar formas de uso mas não quer dizer que se use dessa determinada maneira. Os edifícios, ou parcelas, subsistem normalmente aos seus construtores, e nesse sentido o projeto comporta sempre um programa em aberto (Martí, 1993).

A semelhança formal não implica a atribuição de funções similares e o espaço não permanece o mesmo quando se altera a função. O processo construtivo não precede a habitação mas faz parte das práticas de habitação. O próprio edifício não é uma “coisa” estável, como referiu Ingold, “as construções fazem parte do mundo, e o mundo não para mas desdobra-se incessantemente nos inúmeros caminhos de crescimento, declínio e regeneração⁶.” (2013:48, tradução nossa). Assim, as funções desdobram-se, são múltiplas e não são apreendidas necessariamente de forma sequencial num determinado espaço. Construir é, e terá sido, uma prática encadeada nas práticas de habitação. Ao usar os materiais, ao parti-los, ao introduzi-los em paredes e pavimentos, ao manipulá-los, ao depositá-los em pequenas estruturas, os movimentos ter-se-iam alterado assim como os significados ou as funções, porque as coisas não são elementos neutros que se adicionam ao espaço construído, mas fazem espaço, interagem com sentimentos de pertença, de familiaridade, ou introduzem ruído e mal-estar.

A planta de Castanheiro do Vento, como a de outros recintos murados, não desenha o sítio. Representa o reconhecimento arqueológico dos limites do sítio, as linhas das principais estruturas. Permite *trabalhar* um tipo arquitetónico. Seguindo o arquiteto J. Till (2009:116) o nome “plano” deveria dar lugar ao verbo “planear”. O design do sítio, o desenho criativo, surge na feitura, está dependente

⁶ “buildings are part of the world, and the world will not stop still but ceaselessly unfolds along its innumerable paths of growth, decay and regeneration.” (Ingold, 2013:48)

dos acasos, de soluções pensadas no momento de execução, da alteração de planos e e transforma-se continuamente nas práticas contínuas de habitar. A arquitetura pode então entendida como processo criativo de construção, onde o desenho emerge durante a execução técnica, pela compreensão do sítio. Sítios como Castanheiro do Vento são *obras inacabadas*, não porque nunca estão terminadas mas porque se podem ir fazendo (a partir de Mendes, 2008:103). A construção tipológica, a equação do tipo “recintos murados” abre-se ao gesto criativo da arquitetura e permite pensar as condições de emergência de um conjunto de sítios sem iludir a singularidade de cada um e sem atribuir por semelhança formal, uniformidade de uso(s).

Sítios como Castanheiro do Vento, com uma longa diacronia, viram os seus espaços transformarem-se num processo contínuo até aos dias de hoje, convocando memórias e outros passados, novidades e alterações, projetos e sonhos. Neste sentido, a análise deve ser topológica de forma a abordar os tempos percolativos presentes num sítio arqueológico (a partir de González-Ruibal, 2006 e Witmore, 2007), porque ao contrário dos conceito de cronologia e topografia que dependem de medidas fixas, a topologia permite o estudo dos espaços em transformação, em permanente mutação, permite estudar espaços que não são fixos e ao longo dos vários anos de uso denunciam intersecções de passados, misturando novas e velhas estruturas, novas e velhas coisas, que não têm necessariamente de ser entendidas numa linha sequencial de tempo, pois a memória pode misturar os tempos de feitura dessas mesmas coisas. Neste sentido, Perceval referia que a pergunta acerca da alteração ou não de quartos pela mudança da cama se tratava de uma análise topológica, pois se debruça sobretudo sobre o espaço em transformação.

Durante a construção, o esboço de cada recinto murado como Castanheiro do Vento terá sido alterado pela conjugação de outras soluções e olhares criativos. Desligado de um arquétipo original que definiria a cópia, porque o realizado nunca cumpre o projetado, contém a “surpresa imprevisível”

(Santos Guerrero, 2012:12). Castanheiro do Vento parece albergar a criatividade construtiva que mistura as nossas modernas concepções de arquitetura e construção. Desenho e projeto, ação e técnica construtiva podem ser performatizadas pelas mesmas mãos, pelas mesmas mãos que fazem o vaso, que usam o fragmento. O projeto está implicado na coisa construída e a coisa construída traz consigo o projeto. (ibid.:13). Poderá existir uma antecipação, uma visão, mas com a possibilidade de transformação no processo construtivo. Torna-se impossível dividir/distinguir entre o processo de projeção e o da construção, pois estes ocorrem nas próprias práticas de “habitar”. Ou como T. Ingold (2013:73⁷) referiu, a relação entre design e construção/feitura só pode ser entendida na tensão entre o sonho e a fisicalidade das coisas.

AGRADECIMENTOS

Este texto integra-se no projeto de pós-doutoramento em curso, financiado pela FCT, com a referência SFRH/BPD/87939/2012. Gostaria de agradecer a toda a equipa de Castanheiro do Vento – Vítor Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso e Sérgio Gomes. Ainda ao Sérgio Gomes e Andreia Arezes pela leitura atenta deste texto e pelas sugestões feitas. Todos os erros e incorreções são da minha responsabilidade.

⁷ “Human endeavours, it seems, are forever poised between catching dreams and coaxing materials. In this tension, between the pull of hopes and dreams and the drag of material constraint, and not in any opposition between cognitive intellection and mechanical execution, lies the relation between design and making. It is precisely where the reach of the imagination meets the friction of materials, or where the forces of ambition rub up against the rough edges of the world, that human life is lived.” (Ingold, 2013:73)

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, L. (2003) – *A Cerâmica do Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Contributos para a interpretação de contextos de uso*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- CARDOSO, J. M. (2007) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- CARDOSO, J. M. (2012) – *Castanheiro do Vento: Uma Historiografia de Percursos Interpretativos*. In M. DE JESUS SANCHES, J. P. CUNHA-RIBEIRO E A. MONTEIRO-RODRIGUES (eds), *Discursos em Arqueologia. Textos oferecidos ao Professor Vítor Oliveira Jorge*, Porto/Coimbra: CEAUCP, pp. 67-93.
- CARDOSO, J. M. (2014) – *Das Técnicas de Construção à Arquitectura. Algumas notas*. *Al-Madan* online. IIª série, 19 (tomo 1), pp. 6-24.
- CARDOSO, J. M. (2017) – “Ao longo da paisagem: o Alto Douro no 3º milénio AC. Espaços e mobilidades.” In DOMINGOS CRUZ (coord.) *Actas da Mesa Redonda “A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro.”* (Mangualde, 2011). *Estudos Pré-históricos* vol. XVII. CEPBA, Viseu, 59-90.
- COSTA, C. (2007) – *Zooarqueologia e Tafonomia de Castanheiro do Vento*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Edição policopiada
- COSTA, C. (2011) – *A Gestão do Fogo em Castanheiro do Vento: a possível utilização dos ossos de animal como combustível*. *Actas das II Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. (Madrid, 6, 7 y 8 de mayo de 2009). Tomo I. Madrid: Libro Portico, pp. 309–315.
- DÍAZ-DEL-RÍO, P. (2008) – *El contexto social de las agregaciones de población durante el Calcolítico Peninsular*. *Era Arqueología*, nº8, pp. 129-137
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (2006) – *The Past is Tomorrow. Towards an Archaeology of the Vanishing Present*. *Norwegian Archaeological Review*, vol. 39, nº2, pp. 110-125
- INGOLD, T. (2000) – *Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world.* *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, pp. 172-188.
- INGOLD, T. (2013) – *Making. Anthropology, archaeology, art and architecture*. London and New York: Routledge
- JORGE, S. O. (1998) – *Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): breve genealogia de uma interpretação*. *Revista Estudos Pré-Históricos*, vol. VI, pp. 279-293.
- JORGE, S. O. (2005) – *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Edições Afrontamento.
- JORGE, V. O. (2006) – *Breve Reflexão sobre alguns Problemas das Arquitecturas Pré-Históricas*, In: M. CORREIA, & V. O. JORGE, *Terra: Forma de Construir. Arquitectura. Antropologia. Arqueologia. 10ª Mesa-Redonda de Primavera*, Argumentum, Escola Superior Gallaecia, pp. 106-109.
- JORGE, V. O. (2009) – *Transplantes: Vila Nove de Foz Côa, há 5.000 anos hoje*, <http://trans-ferir.com/2009/02/transplantes-vila-nova-de-foz-coa-ha.html>
- JORGE, V. O., CARDOSO, J. M., COIXÃO, A. S. & PEREIRA, L. S. (2002) – *Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper and Bronze Age sites in northern Portugal*. In C. SCARRE (ed.) *Monuments and Landscape in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*. London & New York: Routledge, pp. 36-50.
- JORGE, V. O. with the assistance of Cardoso, J. M., VALE, A. M., VELHO, G. L. & PEREIRA, L. S. (2006) – *Cooper Age “monumentalized hills” of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of a research experience in the NE of Portugal*. In: V.O. JORGE (ed.) *Approaching “Prehistoric and Protohistoric Architectures” of Europe from a “Dwelling Perspective”*. *Journal of Iberian Archaeology*, 8, special issue. Porto: ADECAP, pp. 203-264.
- LE COURBUSIER (2009 [1923]) – *Por uma Arquitectura*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- MARTÍ ARIS, C. (1993) – *Las variaciones de la identidad. Ensayo sobre el tipo em arquitectura*. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- MCFADYEN, L. (2016) – *Actions in Time: After the breakage of pottery and before the construction of walls at the site of Castelo Velho de Freixo de Numão*. *Estudos do Quaternário*, 15, pp. 71-90.
- MCFADYEN, L. (no prelo) – *Northwest Europe c. 9000 – 1000 BCE*. In M. FRASER (ed.) *21ª edition of Sir Banister Fletcher’s A History of Architecture*. London: Bloomsbury Publishing, Royal Institute of British Architects.
- MENDES, M. (2008) – *“terra quanto a vejas, casa quanto baste.”* In *Só Nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne Editora, pp. 101-147.
- OLIVEIRA, M. L. (2003) – *Primeiras Intervenções Arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (V.N. de Foz Côa)*, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.

PEREC, G. (1997 [1974]) – *Species of Spaces and Other Pieces*. London: Penguin Books.

SANTOS GUERRERO, J. (2011) – A casa como problema. In *Pensar a Casa. Conferências da Casa 1*. Matosinhos: Casa da Arquitectura, pp. 9-26.

SØRENSEN M. L. (2015) – Paradigm Lost – on the state of typology within archaeological theory. In K. KRISTIANSEN, L. SMEJDA AND J. TUREK (eds.), *Paradigm Found: Archaeological Theory – Present, Past and Future. Essays in Honour of Evžen Neustupný*. Oxford: Oxbow Books, pp. 84-94.

TILL, J. (2009) – *Architecture Depends*. Cambridge, Mass: MIT Press.

VALE, A. M. (2003) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Na de Foz Côa)*. *Contributos para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalhos (1998-2000)*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

VALE, A.M. (2011) – *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.


VALE, A. (2017) – Comparing the incomparable – The Chalcolithic walled enclosures of the Iberia Peninsula and beyond. in A. VALE, J. ALVES-FERREIRA & I. GARCIA-ROVIRA (eds.), *Rethinking Comparison in Archaeology*, New Castle: Cambridge Scholars Publishing, pp. 90-107.

VALE, A. (2019) – “Depositions, Assemblages and Relationships in Late Prehistory. The case of Castanheiro do Vento (Portugal).” in A. C. VALERA (ed.), *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-historic Portugal*. NIA, Era Arqueologia, pp. 31-45.

VALE, A. & MCFADYEN, L. (2012) – Que Significa Fazer Arquitectura? Breve incursão em textos de Vítor Oliveira Jorge através da palavra arquitectura. In M. DE JESUS SANCHES, J.P. CUNHA-RIBEIRO E A. MONTEIRO-RODRIGUES (eds), *Discursos em Arqueologia. Textos oferecidos ao Professor Vítor Oliveira Jorge*, Porto/Coimbra: CEAUCP, pp. 95-104.

VALERA, A. C. (2013) – “Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal: investigação, discursos, salvaguarda e divulgação.” *Al-Madan*, 18, pp. 93-110.

WITMORE, C. (2007) – Landscape, time, topology: An archaeological account of the southern Argolid Greece”. In D. HICKS, G. FAIRCLOUGH & L. MCATACKNEY (eds.). *Envisioning Landscape: Situations and Standpoints in Archaeology and Heritage*. Left Coast Press, pp. 194-225.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2019

www.arqueologos.pt